

Reconciliação em crianças no meio pré-escolar – A influência da competência e dominância social na resolução natural de conflitos

Joana Carreiras, Sara Fragoso, António J. Santos
Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA)

Palavras-chave: Conflito, reconciliação, competência social, dominância.

Em ambiente pré-escolar, os pares são importantes recursos sociais, por exemplo, são fontes de informação e assistência, e proporcionam divertimento (Booth, Rose-Krasnor, e Rubin, 1991). Desta forma, a maioria das crianças tenderá a otimizar a sua relação com os pares (Hartup, 1983). Não obstante, são frequentes as situações de conflito, para ganhar ou manter o acesso a recursos limitados, pelo que terão de desenvolver estratégias de gestão de conflitos. No presente estudo, analisou-se uma estratégia em particular, a reconciliação, ou seja, situações em que os indivíduos envolvidos em conflitos interagem amigavelmente, e a forma como a sua frequência de ocorrência parece estar relacionada com outras variáveis, designadamente o estatuto de dominância e a competência social.

Participaram 25 crianças portuguesas de 4 anos de idade, (14 raparigas e 11 rapazes), de um grupo num Jardim-de-infância nos arredores de Lisboa. A recolha de dados para a reconciliação foi realizada em contexto de sala, através do método PC-MC (Post-conflict/Matched Control) (de Waal & Yoshihara, 1983), na qual foi feita uma amostragem focal (10 min.) de um indivíduo após o conflito (PC) e o controlo nas mesmas condições (MC). Para averiguar qual o índice de reconciliação do grupo/indivíduo, foi calculada a tendência conciliatória corrigida – TCC (Veneema et al., 1994), tendo sido obtida uma TCC (grupo) de 55%.

Para avaliar a competência social dos indivíduos foi utilizado o California Child Q-set (Block & Block, 1980). Neste Q-sort, os itens são descritivos de comportamentos e características da personalidade das crianças desta faixa etária.

Para determinar as relações de dominância utilizou-se o David's Score (Gammell et al., 2003). Este índice baseia-se nos resultados de interações agonísticas que têm como resposta a submissão, tendo em conta a força relativa dos pares.

De um modo geral, verificou-se que a variação na taxa de reconciliação está associada à dominância e à competência social. No caso das raparigas, estas variáveis estão relacionadas positivamente, o que reforça a ideia das raparigas socialmente bem sucedidas, que alcançam os objectivos sociais, tenderem a utilizar estratégias pró-sociais, como a reconciliação. Por outro lado, os rapazes competentes são mais dominantes, no entanto, têm uma baixa tendência conciliatória, o que provavelmente estará relacionado com as estratégias utilizadas para alcançar os objectivos, ou seja, um tipo de estratégia mais coerciva e mais centrada no indivíduo. Assim, os resultados obtidos neste grupo, parecem indicar que a forma como os indivíduos resolvem os conflitos está provavelmente relacionada com diferenças de género.

A relação positiva existente entre o estatuto de dominância e a competência social das crianças parece indicar que os indivíduos dominantes, para além de estratégias coercivas, utilizam outro tipo de estratégias, designadamente estratégias pró-sociais na gestão dos conflitos.

INTRODUÇÃO

Em espécies gregárias, a complexidade dos relacionamentos requer um maior investimento por parte dos seus elementos. Por um lado a possibilidade de cooperação nas actividades diárias torne a vida em grupo numa situação vantajosa para indivíduos que se encontram em determinados contextos ecológicos (van Schaik & Aureli, 2000), por outro lado, viver em grande proximidade com membros da mesma espécie implica custos. São diversas as situações em que existe um recurso cujo o acesso é limitado, pois não está distribuído de forma igualitária por todos os membros do grupo, o que origina situações de conflito. O *conflito* é considerado como qualquer situação em que dois indivíduos, tendo objectivos incompatíveis, se comportam de modo diferente do que em situações de “não-conflito”, podendo recorrer à agressão (de Waal & Aureli, 2000). Para otimizar as vantagens e minimizar as desvantagens

de viver gregariamente, os animais necessitam de desenvolver estratégias de resolução de conflitos. Um dos mecanismos de resolução de conflitos é a *reconciliação* (de Waal & Aureli, 2000), ou seja, as interações afiliativas entre oponentes após o conflito. Este conceito foi introduzido por de Waal e van Roosmalen (1979) quando, no primeiro estudo sistemático em chimpanzés sobre o comportamento de pós-conflito, verificaram uma tendência consistente para a ocorrência de interações afiliativas entre oponentes.

Em crianças, as abordagens mais recentes sobre a reconciliação recorrem a métodos etológicos, nomeadamente aos utilizados em primatas não-humanos, o que possibilita a comparação entre culturas e espécies. Vários estudos têm vindo a demonstrar que as crianças também tendem a recorrer à reconciliação (e.g., Fujisawa et al., 2005; Ljungberg et al., 1999; Verbeek et al., 2000; Verbeek & de Waal, 2001). Os comportamentos de reconciliação nas crianças incluem não só, interações afiliativas de contacto físico (e.g., *dar-a-mão*, *abraçar*, *beijar*), similares aos dos observados em primatas não-humanos, como também, interações verbais com proposições de cooperação (e.g., “podes ajudar-me a construir esta casa?”). Tais contactos afiliativos podem atenuar as consequências negativas decorrentes do conflito, reparando a relação (de Waal, 2000) e conduzindo à recuperação do padrão de interações diádicas anterior ao mesmo (Cords & Aureli, 2000). Segundo de Waal e Aureli (1997 cit. por Aureli & de Waal, 2000), a reconciliação será mais frequente entre oponentes que se valorizam reciprocamente - Hipótese da Relação Valiosa. Booth et al. (1995) consideraram que os pares constituem recursos sociais valiosos para a criança de idade pré-escolar, na medida em que estabelecem interações de brincadeira, as quais, permitem desenvolver uma melhor compreensão das perspectivas e acções dos outros. Por conseguinte, a maioria das crianças do meio pré-escolar tenta otimizar as suas relações com os pares (Hartup, 1983). Desta forma, o *valor* do parceiro social deve ser um factor crítico que pode influenciar a probabilidade de haver reconciliação (Aureli & de Waal, 2000).

A aquisição de competências de gestão de conflitos é central no processo de socialização, visto que estas podem deixar as fundações para o desenvolvimento de todas as relações futuras (Green & Rechis, 2006). Pois, enquanto situações de recursos limitados irão ocorrer ao longo de toda a vida do indivíduo, algumas das capacidades básicas para gerir esses conflitos desenvolvem-se durante os anos pré-escolares (Putallaz & Sheppard, 1992; Shantz, 1987). Relativamente ao género não têm sido encontradas diferenças significativas na tendência conciliatória do género feminino e do género masculino (Ljungberg et al., 1999; de Verbeek & de Waal, 2001; Fujisawa, et al. 2005), no entanto, verificou-se que utilizavam estratégias alternativas, ou seja, comportamentos conciliadores diferentes (e.g., Butovskaya & Kozintsev, 1999; Ljungberg, et al., 1999). Existem também evidências de que as raparigas tendem a cooperar mais (Green & Rechis, 2006). Segundo Charlesworth e Dzur (1987), nos grupos constituídos por raparigas é mais utilizada a argumentação e nos grupos de rapazes são frequentemente utilizadas estratégias físicas para aceder aos recursos (Green & Rechis, 2006).

DOMINÂNCIA

Os indivíduos ao longo do seu desenvolvimento, em consequência de uma série de interações, vão tomando consciência do ambiente que os rodeia e das suas limitações, nomeadamente na relação com os outros. Desta forma, é provável que surja um padrão de assimetria nas suas relações e que este tenha implicações na forma como resolvem os conflitos. O estatuto de dominância é um atributo da relação social diádica, caracterizado por um resultado consistente a favor de um dos membros da díade, em que um dos elementos do par social habitualmente se submete ao outro. A organização de todas as relações diádicas reflecte a estrutura de poder para um determinado grupo social, ou seja, a hierarquia de dominância (Strayer & Strayer, 1976). Respostas de submissão a ataques e ameaças têm demonstrado providenciar a melhor tradução das relações de dominância (Strayer & Strayer, 1976). A formação e manutenção de uma hierarquia de dominância no grupo tem efeitos benéficos, visto que a dominância estabelecida facilita o uso de exibições ritualizadas durante o conflito e leva a uma redução da frequência e/ou severidade da agressão dentro do grupo (Strayer & Trudel, 1984). A dominância social tem vantagens para os indivíduos de alto estatuto, pois regula a distribuição diferencial dos recursos dentro do grupo. Os indivíduos com estatuto superior, frequentemente têm acesso prioritário sobre os recursos, parecem obter o recurso desejado com pouca resistência por parte dos pares com estatuto inferior (Green & Rechis, 2006). Segundo Strayer e Strayer (1976), a posição na hierarquia não está directamente relacionada com o género. No entanto, Dunn e Herrera (1997) referiram que as raparigas eram mais submissas que os rapazes.

COMPETÊNCIA SOCIAL

Para alcançar os seus objectivos sociais, alguns indivíduos optam por estratégias socialmente desejáveis, mantendo relações positivas com os outros indivíduos, isto é, são indivíduos socialmente competentes (Rubin & Rose-Krasnor, 1992). A *competência social* (CS) é um constructo constituído por diferentes subcategorias interdependentes, nomeadamente, a *Plasticidade*, o *Controle* (Block & Block, 1983 cit. por Funder & Block, 1989), a dimensão *Social* (Waters & Sroufe, 1983) e *Auto-estima* (Baumeister, 1998). A *Plasticidade* refere-se à capacidade de adaptação a alterações ambientais, potencialmente indutoras de stress, bem como a aptidão para utilizar respostas comportamentais adaptadas aos estímulos do meio. O *Controle*, por sua vez, é a aptidão para regular os impulsos, modular a expressão de afectos (Block & Block, 1983 cit. por Funder & Block, 1989). A subcategoria *Social* refere-se à resposta comportamental adequada ao meio social (Waters & Sroufe, 1983). Finalmente, a *Auto-estima* é uma característica que designa a facilidade do indivíduo para fazer uma avaliação positiva de si mesmo (Baumeister, 1998).

Alguns estudos realizados em crianças de idade pré-escolar, têm vindo a revelar que os rapazes são mais agressivos e mais preocupados com o estatuto hierárquico do que as

raparigas (Hawley, 1999). Com efeito, os indivíduos do género masculino parecem ser os que mais utilizam estratégias coercivas para alcançar os objectivos sociais. Por outro lado, os indivíduos do género feminino também recorrem a estratégias coercivas, embora de forma menos directa e mais associada às relações entre pares. Apesar de alguns estudos indicarem que as raparigas tendem a utilizar estratégias pró-sociais com mais frequência do que os rapazes (Charlesworth & Dzur, 1987) verificaram que não existem diferenças entre rapazes e raparigas no que se refere à CS. Numa perspectiva longitudinal, tem-se verificado que os indivíduos que são socialmente bem sucedidos numa primeira fase do desenvolvimento, considerando a estabilidade da competência social (e.g., Carreiras, Sousa & Santos, 2006), serão competentes socialmente em fases posteriores do desenvolvimento. Desta forma, para aceder aos recursos limitados, o indivíduo competente socialmente tende a utilizar diferentes estratégias, variando entre as estratégias coercivas (e.g., comportamentos agonísticos) e as estratégias pró-sociais (e.g., comportamentos afiliativos), de forma socialmente adequada (Hawley, 1999).

OBJECTIVOS

A tendência de um indivíduo para se reconciliar é um traço bastante flexível, dependente da aprendizagem individual e do contexto físico e social em que ocorre. Deste modo, é de esperar que a opção por determinadas estratégias comportamentais, que são simultaneamente respostas e iniciadores de mudança, dependam de vários factores. Com o presente estudo pretende-se aprofundar o conhecimento sobre a gestão de conflitos em crianças de idade pré-escolar. Salientando aspectos pouco discutidos em investigação anterior, analisou-se a forma como a reconciliação, está relacionada com duas componentes da dinâmica social, a dominância e a CS, considerando o género.

Atendendo ao comportamento social, predominantemente afiliativo em crianças, é provável que a taxa de reconciliação seja elevada. A dominância, como propriedade emergente das relações agonísticas do grupo, reflecte a sua organização, sendo de esperar que a forma como os seus elementos fazem as suas escolhas ao nível do comportamento social esteja associada ao estatuto de dominância, nomeadamente no que se refere à reconciliação. Por outro lado, considerando que os indivíduos socialmente competentes alcançam os objectivos de forma socialmente adequada, espera-se que os indivíduos com índices de CS elevados apresentem uma tendência conciliatória elevada. Adicionalmente, tendo em conta a dimensão social, espera-se que a dominância e a CS social estejam relacionadas.

METODOLOGIA

O grupo estudado frequentava o Jardim de Infância do Externato Miguel Ângelo, nos arredores de Lisboa - Portugal. Os 25 elementos, 14 do género feminino e 11 do masculino, são de nacionalidade portuguesa e, maioritariamente, oriundos de um meio sócio-económico

médio-elevado. A idade das crianças no início do estudo era de 4 anos (M=50,24 meses, dp=4,903; ♂ M=49,60 meses, dp=4,427; ♀ M=50,36 meses, dp=5,358). O grau de familiaridade e o percurso educativo dos indivíduos variavam consideravelmente. A sala, em forma de L, tinha uma área total de 35m² e estava dividida em 2 zonas principais, designadamente a zona de actividade livre e a zona de actividade estruturada. A zona de actividade livre, área privilegiada de observação, estava dividida em quatro zonas principais: *biblioteca*, *casinha das bonecas*, *jogos* e *trapalhadas*.

PROCEDIMENTO

A recolha de dados foi realizada por dois observadores, na parte da manhã, durante o primeiro trimestre do ano lectivo de 2006/2007. Antes de iniciar a recolha, procedeu-se à habituação das crianças e da educadora aos observadores e à adaptação do sistema de classificação.

RECONCILIAÇÃO

Neste estudo, uma interacção foi considerada um conflito, sempre que ocorresse pelo menos uma das categorias de comportamento agonístico do sistema de classificação (ver Tabela 1). A observação e registo foram feitos em contexto de sala em períodos de actividade livre. A informação recolhida para cada conflito foi a seguinte: os intervenientes, a hora, o tipo de conflito (causa e estratégia utilizada), o resultado, a distância entre os oponentes. Para analisar aspectos relacionados com a reconciliação utilizou-se o método de comparação PC-MC (de Waal & Yoshihara, 1983), em que o comportamento de um focal durante o pós-conflito (PC) é comparado com o seu comportamento durante o controlo (MC). Consideraram-se conflitos diádicos de ocorrência espontânea (*all-occurrences method*: Altmann, 1974). O observador após registar um conflito, efectuou uma amostragem focal contínua (Altmann, 1974) de um dos intervenientes durante 10 minutos (PC focal). Calculou-se o *acordo inter-observador* através do índice de fiabilidade Kappa de Cohen, tendo-se obtido um acordo de 82,54% (Lehner, 1996).

As observações PC e MC são comparadas, tendo em conta o tempo do primeiro contacto amigável entre oponentes em cada registo. Os pares PC-MC foram classificados como *atraídos* (PA, os oponentes interagirem de forma amigável apenas no PC ou mais cedo no PC do que no MC), *dispersos* (PD, os oponentes interagirem de forma amigável no MC ou mais cedo no MC do que no PC) e *neutros* (PN, os oponentes não interagirem de forma afiliativa nem no PC nem no MC, ou se a afiliação ocorre no mesmo intervalo de tempo no PC e no MC) (de Waal & Yoshihara, 1983; ver Kappeler & van Schaik, 1992). A tendência conciliatória corrigida – TCC refere-se à proporção de PC-MC de pares atraídos e dispersos e foi comparada da seguinte forma: $TCC = (PA - PD) / T$, o número de pares dispersos (PD) é subtraído ao número de pares

atraídos (PA) e o valor resultante é dividido pelo número total (T) de pares (Veenema et al., 1994).

Se o conflito não influencia o tempo da primeira interacção afiliativa no PC, o número de PA e PD não deve diferir da razão de 1:1 esperada pelo acaso. Procedeu-se assim à comparação do número de PA e PD para averiguar a ocorrência de reconciliação. Se os contactos afiliativos entre oponentes significam reconciliação, os alvos focais devem interagir de forma afiliativa preferencialmente com o oponente do conflito durante o PC, ao contrário do que acontece no MC. Desta forma, comparou-se o número de parceiros com que a criança focal interagiu amigavelmente no PC com o número de parceiros que teve no MC – atracção selectiva (percentagem de afiliação com o oponente inicial relativamente a todas as interacções afiliativas em que o sujeito participou, Preuschoft et al., 2002).

DOMINÂNCIA

Para avaliar a assimetria de poder das relações diádicas, foram considerados todos os conflitos de ocorrência espontânea (*all-occurrences method*: Altmann, 1974). Como indicadores de interacções de dominância são relevantes os comportamentos agonísticos (ver Tabela 1) que têm como resposta a submissão. Os dados recolhidos foram organizados numa *matriz de dominância* (ver Strayer e Strayer, 1976), onde constam todos os pares possíveis entre os diferentes membros do grupo $N(N-1)$. Os valores de cada célula representam o total de episódios de dominância entre cada par. Nas linhas lê-se quem dominou e nas colunas quem se submeteu.

Para caracterizar as relações de dominância das crianças, foi calculado o *David's Score* (ver Gammell et al., 2003) com correcção (de Vries, 1998), Este índice baseia-se nos resultados das interacções agonísticas entre membros de um grupo, tendo em conta a força relativa dos oponentes. Foi também calculado o índice de linearidade de Appleby, utilizando o programa Domina, uma aplicação *Delphi* (Izar et al., 2006). O valor de h varia entre 0 e 1, em que 0 indica ausência completa de linearidade e 1 indica hierarquia linear. Uma estrutura diz-se linear se tiver a propriedade de transitividade: para todos os membros A, B e C, se A domina B e B domina C, então A domina C (Strayer & Strayer, 1976).

COMPETÊNCIA SOCIAL

O instrumento utilizado com base na metodologia *Q-sort*, foi o *California Child Q-Set - CCQ* (Block & Block, 1980), o qual é constituído por 100 itens, nos quais estão inscritos itens descritivos das características que são relevantes para as crianças nesta faixa etária. Foi calculado o índice de concordância inter-observador tendo sido obtido um acordo de 77%. A observação foi realizada em diferentes dias e contextos, num total de 20 horas. Seguidamente, fez-se a distribuição dos 100 itens, para caracterização do indivíduo. Assim, foi atribuído um valor a cada item, de 1 a 9, sendo o 1 correspondente a um item que não caracteriza nada o

indivíduo e o 9 a um que caracteriza totalmente o indivíduo. Esta distribuição foi correlacionada com os valores-critério determinados por um conjunto de especialistas que definiram o perfil da criança *mais competente socialmente* (Waters et al., 1983). Assim, quanto mais próximo for o perfil da criança descrita com o da criança *mais competente socialmente*, mais competente será considerado o indivíduo.

Nos perfis descritos foram consideradas as quatro subcategorias fundamentais da CS. O valor resultante da correlação para cada subcategoria pode ser considerado um forte indicador da CS (Waters & Deane, 1985). Para todas foi controlada a Desejabilidade Social através da correlação parcial. Para avaliar a relação entre as variáveis reconciliação, dominância e CS, procedeu-se à análise estatística, tendo em conta o género. Para todas as análises, os testes foram efectuados no SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 13,0 (Maroco, 2003). Considerou-se PA como casos em que a reconciliação ocorreu e PD como casos em que a reconciliação não ocorreu.

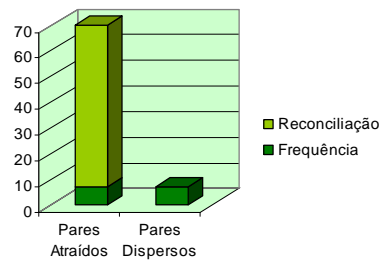
RESULTADOS

Durante os 2,5 meses de recolha de dados foram registados 141 conflitos, no entanto apenas 120 são completos, ou seja, constituem um par PC-MC. As causas dos conflitos foram divididas em 4 tipos, *competição por objecto*, *competição por espaço*, *competição simbólica* e *competição por actividade*, tendo-se verificado que a primeira foi significativamente mais frequente do que as restantes, tendo ocorrido em 83% das situações (Binomial: $n=121$, $p<0,001$, aproximação à normal, Z). Das 300 díades possíveis no grupo estudado, só em 23,(6)% é que se registou interacção agonística. No entanto, todos os indivíduos se envolveram, pelo menos uma vez em conflitos, tendo o número de conflitos por indivíduo variado entre 1 e 30). Relativamente à TCC individual, verificou-se que não existem diferenças significativas entre o género feminino e o masculino (Teste Mann Whitney: $n=22$, $z=31,5$, $p>0,05$). Adicionalmente, a maior parte das interacções agonísticas, cerca de 78%, ocorreu entre indivíduos do mesmo género (Binomial: $n=124$, $p<0,001$, aproximação à normal, Z). A TCC entre rapazes foi significativamente maior do que entre raparigas (Teste Mann-Whitney: $n=50$, $z=-2,098$, $p<0,05$). Para o grupo a TCC foi de 55,14%. Nesta análise, apenas foram considerados indivíduos envolvidos em mais de 3 conflitos.

A proporção de PA excede significativamente a proporção de PD (32,5% PA, 5,8% PD: Teste Wilcoxon - Signed Ranks: $n=67$, $z=-5,88$, $p<0,001$). Estes resultados demonstraram que os oponentes contactaram mais cedo no PC do que no MC (Figura 1). Verificou-se que a atracção no período PC entre oponentes era selectiva, comparando-se a proporção de afiliação com o oponente inicial relativamente a todas as interacções afiliativas em que o sujeito participou, no PC e no MC (Teste de Wilcoxon – Signed Ranks: $n=106$, $z=-4,635$, $p<0,001$). O comportamento utilizado na reconciliação em 100% das vezes foi a *interacção afiliativa sem contacto*, comportamento também utilizado noutros contextos afiliativos.

Figura 1

Frequência de Pares Atraídos e Dispersos



Nota: Os PA podem ser considerados como sendo constituídos por duas componentes. Uma componente reflecte o número de PA que se deve aos **níveis basais** de contactos afiliativos e é igual ao número de PD. A segunda componente reflecte a tendência de oponentes iniciais contactarem, em resultado do conflito anterior, isto é, a **reconciliação**.

DOMINÂNCIA

Na matriz de dominância (Tabela 2), as entradas abaixo da diagonal indicam episódios em que a linearidade da dominância foi violada (Strayer & Strayer, 1978). O índice de linearidade de hierarquia de Appleby foi de 0,025, um valor muito baixo. Na literatura, é frequente a atribuição dos estatutos mais elevados na hierarquia a rapazes. Neste grupo de crianças, verificou-se que não há diferença no estatuto de dominância relacionada com o género (Teste Mann-Whitney: $n=22$, $z=-1,479$, $p>0,05$).

Tabela 2

Matriz de dominância

	12	10	15	9	13	16	25	2	3	20	4	14	6	7	8	24	22	11	1	17	19	5	23	21	18	
12		1		1	2					2																
10			1		1	1		2	2		1															3
15		1				1					2			1	1				1		1		1			
9										1	1					1		1								2
13		1		1											1	1										1
16		1					1		1	1				1												
25								1	1				1									1				
2		1																		1		2				

3	1	1				1		1	
20				1					2
4			1	1					1
14		1	1						1
6				1		1	1		
7		1						1	
8					1		1		
24						1			1
22	1								
11		1		1					
1	1				1				
17							1		
19		1							
5						1			
23									
21									
18									

Nesta análise apenas foram considerados indivíduos envolvidos em, pelo menos, 3 conflitos. Relativamente à iniciativa da reconciliação, verificou-se que a aceitação de reconciliação era independente do poder relativo do iniciador (52% Subordinado, 48% Dominante; Binomial: $n=66$, $p>0,05$, aproximação à normal, Z). Por outro lado, verificou-se a associação entre a TCC e a amplitude de dominância e o David's Score, a nível diádico e individual, respectivamente (ver Tabela 3).

Tabela 3

Correlação entre a TCC e a AD o DS, a nível diádico e individual

	TCC individual		AD
DS	0,292	♀: 0,255 (n=11)	-
	(n=22)	♂: 0,506 (n=11)	
TCC diádico	-		-0,331** (n=67)

Legenda: Utilizou-se o coeficiente de correlação de Spearman para todos os cálculos. Só foram considerados indivíduos envolvidos em, pelo menos, 3 conflitos. TCC – tendência conciliatória corrigida (Veenema et al., 1994), DS – *David's Score*, AD – amplitude de dominância, diferença entre os valores de *David's Score*, ♂ - gênero masculino, ♀ - gênero feminino, ** - $p < 0,01$

COMPETÊNCIA SOCIAL

O Teste Mann Withney permitiu verificar que não existem diferenças significativas entre o gênero feminino e o gênero masculino, relativamente às subcategorias *plasticidade*, *controle*, *social* e *auto-estima* ($N=25$, $p > 0,05$). Adicionalmente, verificou-se que, apesar da associação ser de fraca intensidade, as subcategorias da CS, estão positivamente associadas à TCC (Tabela 4).

TABELA 4

Correlação entre a TCC e as subcategorias da CS, considerando o gênero

	Plasticidade		Controle		Social		Auto-Estima	
TCC	0,181 (n=22)	♀: 0,478 (n=11)	0,171 (n=22)	♀: 0,378 (n=11)	0,192 (n=22)	♀: 0,642* (n=11)	0,177 (n=22)	♀: 0,337 (n=11)
		♂: -0,205 (n=11)		♂: 0,098 (n=11)		♂: -0,424 (n=11)		♂: -0,036 (n=11)

Só foram considerados indivíduos envolvidos em, pelo menos, 3 conflitos. * - $p < 0,05$

DOMINÂNCIA VS COMPETÊNCIA SOCIAL

Para averiguar a relação entre as variáveis dominância e as subcategorias da CS, calculou-se o coeficiente de correlação de Spearman, tendo em conta o gênero (Tabela 5).

Tabela 5

Associação entre Competência Social e Dominância

	Plasticidade		Controle		Social		Auto-estima	
DS	0,056 (n=22)	♀: 0,045 (n=11)	0,339 (n=22)	♀: 0,473 (n=11)	0,112 (n=22)	♀: -0,009 (n=11)	0,450* (n=22)	♀: 0,418 (n=11)
		♂: 0,136 (n=11)		♂: 0,415 (n=11)		♂: 0,300 (n=11)		♂: 0,500 (n=11)

Legenda: Utilizou-se o coeficiente de correlação de Spearman para todos os cálculos. Só foram considerados indivíduos envolvidos em, pelo menos, 3 conflitos. DS – *David's Score*, ♂ - género masculino, ♀ - género feminino, * - $p < 0,05$.

DISCUSSÃO

À semelhança dos primatas não-humanos, as crianças, interagem diariamente com os pares. O jogo é uma actividade importante e é plausível que os comportamentos que a favoreçam, nos seus aspectos sociais, sejam praticados com mais frequência. Assim, as crianças começam a desenvolver capacidades sócio-cognitivas, aprendendo a resolver os problemas que lhes são colocados, nomeadamente os conflitos. Tendo por base a Hipótese da Relação Valiosa, proposta por de Waal e Aureli (1997 cit. por Aureli & de Waal, 2000), pode-se considerar que é necessário reparar as relações após situações de conflito, visto que, os oponentes são parceiros sociais potencialmente valiosos (Booth et al., 1995). Desta forma, a taxa de ocorrência de reconciliação deverá estar associada à posição na hierarquia de dominância e à CS.

Neste grupo de crianças demonstrou-se a ocorrência de reconciliação, à semelhança de estudos anteriores (e.g., Ljungberg, 1999; Verbeek et al., 2000; Verbeek & de Waal, 2001). Estas reuniões são utilizadas como estratégia de resolução de conflitos, pois ocorrem de forma selectiva e mais frequentemente depois do conflito do que em condições de referência. A tendência geral para comportamentos de reconciliação deste grupo está acima dos valores encontrados noutros estudos (e.g., Verbeek & de Waal, 2001; Fujisawa et al. 2005). Esta diferença poderá estar relacionada com a densidade populacional, visto que as observações foram realizadas exclusivamente em contexto de sala. Esta ideia é sustentada por resultados de outros estudos, em que as crianças recorrem com maior frequência a esta estratégia quando se encontram num espaço mais reduzido (Verbeek & de Waal, 2001).

São diversos os factores que podem estar relacionados com o comportamento de reconciliação. Considerando a amostra como um todo, a CS parece estar relacionada com a facilidade que as crianças têm para se envolverem em reuniões afiliativas após situações de conflito. No entanto, ao analisar o género verificam-se, em algumas subcategorias, diferenças na relação entre variáveis. Deste modo, os indivíduos do género feminino parecem utilizar estratégias de resolução de conflitos distintas das adoptadas pelo masculino. A associação entre a TCC e a as subcategorias da CS nas raparigas é positiva, enquanto nos rapazes esta associação é negativa ou praticamente nula.

Por outras palavras, quanto mais competentes são os rapazes, menor a tendência para se envolverem em reuniões amigáveis após um conflito, e quanto mais competentes são as raparigas, maior a tendência para recorrer à reconciliação. Estes resultados parecem estar de acordo com a literatura (Maccoby, 1990) uma vez que, enquanto as raparigas, tendo objectivos sociais mais centrados na interacção social, revelam ter maior flexibilidade para se adaptar a situações de estresse e parecem recorrer com frequência a estratégias pró-sociais, associadas

a comportamentos de cooperação. Os rapazes, por outro lado, demonstram uma maior rigidez perante situações indutoras de stress, recorrendo a estratégias mais coercivas, associadas a comportamentos mais agressivos e a objectivos sociais mais centrados no indivíduo.

É ainda de salientar o facto dos conflitos ocorrerem consideravelmente menos entre raparigas, de acordo com a visão tradicional (Butovskaya & Kozintsev, 1999), apesar de ter havido pouca diferença no número de díades que formaram, por comparação com os rapazes. Por outro lado, estes parecem focar os seus esforços num número relativamente pequeno de parceiros. Estes resultados sugerem que os rapazes interagem de forma agonística preferencialmente com alguns indivíduos, ao contrário do que acontece com as raparigas. Este aspecto poderá estar relacionado com o facto dos rapazes terem relações preferenciais, por exemplo, para a formação de alianças, ou com a manutenção do estatuto de dominância. O facto das raparigas se envolverem em menos conflitos pode estar associado à dinâmica das suas interações, ou seja, brincam em grupos mais pequenos e têm relações sociais mais próximas e cooperantes (Green & Rechis, 2006).

Relativamente ao estatuto de dominância não se verificaram diferenças entre rapazes e raparigas ao contrário do esperado, no seguimento de parte da literatura existente, em que os rapazes tendem a ocupar posições da hierarquia de dominância mais elevadas. No entanto, a relação entre o estatuto de dominância e número de conflitos estão associados de forma distinta consoante o género considerado, sendo positiva nos rapazes e negativa nas raparigas. Estes resultados reforçam a ideia das raparigas optarem por estratégias mais subtis para resolver conflitos, ainda que o resultado seja semelhante, sucesso no acesso a recursos, de acordo com a definição de dominância.

Curiosamente, existe uma associação negativa entre a amplitude de dominância e a TCC, ou seja, há uma tendência para indivíduos de estatutos adjacentes se reconciliarem. Seyfarth (1976, 1983 cit. por Silk, Seyfarth & Cheney, 1999) considerou que a distribuição de alguns comportamentos sociais pode estar relacionada com as relações de dominância e que as alianças entre indivíduos têm um papel importante nessa distribuição. Neste sentido, a reconciliação pode ter a função de preservar relações de valor e suportar alianças, recorrendo a um padrão de comportamento benéfico para ambos. Se os indivíduos formam alianças efectivas entre si, os comportamentos que preservam essa relação serão vantajosos. Para os mais subordinados, talvez devido ao acesso dificultado aos mais dominantes, torna-se também vantajoso um investimento em indivíduos com um poder semelhante, mesmo que de baixo estatuto. Estes resultados parecem apoiar a Hipótese da Relação Valiosa.

Tradicionalmente, na literatura enfatiza-se a relação da dominância com comportamentos coercivos, mas, no entanto, sugere-se que os indivíduos dominantes são socialmente centrais. Se a dominância social é definida como uma habilidade diferencial para controlar recursos, as crianças podem efectivamente empregar diferentes estratégias para competir com os pares, tanto coercivas como pró-sociais. Pela análise de dados verificou-se que existe uma associação positiva entre a TCC e o estatuto de dominância dos indivíduos, de forma mais marcada nos rapazes. Isto poderá dever-se ao seu desenvolvimento sócio- -cognitivo, pois

provavelmente, serão crianças mais competentes do ponto de vista social e, como tal, as estratégias que utilizam permitem-lhes alcançar os seus objectivos, mantendo relações sociais positivas, através, por exemplo, da reconciliação. Apenas alguns indivíduos terão as competências sociais necessárias para manter o seu estatuto. Este aspecto poderá estar relacionado com a atitude, capacidade de orientação das actividades do grupo e controlo emocional. Diversos benefícios serão, provavelmente, alcançados por aquelas crianças que são capazes de gerir estes encontros diários.

Do ponto de vista de Hawley (2002), as crianças alcançam os seus estatutos no grupo e ajustam as suas estratégias de controlo de acordo com o estatuto de dominância do oponente. A partir de uma determinada fase do desenvolvimento parece haver uma sobreposição dos conceitos de dominância e competência social (Hawley, 2002). Tudo indica que, as opções comportamentais destes indivíduos na resolução de conflitos, resulta de um balanço entre os seus objectivos sociais e a manutenção de relações sociais positivas, pelo que, utilizam uma combinação de estratégias coercivas e pró-sociais (Hawley, 1999). Assim, apesar da agressão e da coerção poderem ser um dos meios para obter os recursos desejados, a pró-socialidade também pode ser um meio para este fim, na qual se inclui a reconciliação. Os resultados deste trabalho vão ao encontro destas ideias, na medida em que, de forma geral, a dominância e CS estão associadas de forma positiva, com especial destaque para as subcategorias Controle e Auto-estima. Tendo em conta o seu papel social, é natural que o indivíduo dominante tenha desenvolvido competências relacionadas com a gestão de emoções e uma percepção positiva de si.

A reconciliação parece ser uma característica importante do processo de interacção social no grupo de crianças em idade pré-escolar, surgindo de forma relativamente precoce, sendo possivelmente uma prontidão básica do comportamento humano, seleccionada pela sua importância na continuidade da permanência dos indivíduos em contacto com o grupo. De uma forma geral, quer os resultados deste estudo como os resultados dos estudos anteriores parecem confirmar a ideia inicial de que, como no caso dos chimpanzés estudados por de Waal e van Roosmalen (1974), a reconciliação é parte do repertório comportamental da nossa espécie e, que a opção por esta, resulta de diversos factores que têm um efeito conjunto. Os poucos estudos existentes com crianças mostram uma grande variação tanto na tendência como na estratégia de reconciliação, apesar do fenómeno em si ser aparentemente universal. Este facto pode providenciar um solo fértil para ponderar acerca de como a sociedade em geral afecta o modo como aprendemos a lidar com os conflitos em fases posteriores do desenvolvimento. É por isso imperativo que as crianças tenham oportunidade, desde cedo, de desenvolver as suas capacidades de gestão de conflitos em preparação para etapas posteriores, daí o papel importante dos adultos como educadores para formar, em última instância, adultos socialmente mais capazes (Malloy & McMurray, 1996; Sackin & Thelen, 1984).

Referências

- Altmann, J. (1974). "Observational study of behavior: Sampling methods". *Behaviour*, 49, 227-265.
- Aureli, F., & de Waal, F. B. M. (2000). "Why Natural Conflict Resolution?" In F. Aureli & F. B. M. de Waal (Eds.), *Natural Conflict Resolution*. University of California Press: California, pp. 3-10.
- Baumeister, R. (1998). "The self". In D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The Handbook of Social Psychology*. New York: Oxford University Press, pp. 680-740.
- Block, J. H., & Block, J. (1980). *The California Child Q-Set*. Palo Alto, California: Consulting Psychologists.
- Booth, K.H., Rose-Krasnor, L. & Mills, R.S.L. (1995). "Family relationships, peer relationships and social development: Conceptual and empirical analyses". In S. Shulman (Ed.), *Close relationships and socio-emotional development*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, pp. 63-94.
- Booth, C., Rose-Krasnor; L. & Rubin, K. (1991). "Relating Preschoolers' Social Competence and their Mothers' Parenting Behaviors to Early Attachment Security and High-Risk Status". *Journal of Social and Personal Relationships*, 8, 3, 363-382.
- Butovskaya, M., & Kozintsev, A. (1999). "Aggression, friendship, and reconciliation in russian primary schoolchildren". *Aggressive Behavior*, 25, 125-139.
- Carreiras, J., Sousa, S., Santos, A. J. (2006): "A Estabilidade da Competência Social em crianças do meio pré-escolar"; *VI Simpósio de Investigação em Psicologia*. Universidade de Évora, Portugal.
- Charlesworth, W. R., Dzur, C. (1987). "Gender comparisons of preschooler's behavior and resource utilization in group problem solving". *Child Development*, 58, 191-200.
- Cords, M., & Aureli, F. (2000). "Reconciliation and Relationship Qualities". In F. Aureli & F. B. M. de Waal (Eds.), *Natural Conflict Resolution*. University of California Press: California, pp. 177-198.
- Dunn, J., & Herrera, C. (1997). "Conflict resolution with friends, siblings, and mothers: A developmental perspective". *Aggressive Behavior*, 23, 343-357.
- Fujisawa, K. K., Kutsukake, N., & Hasegawa, T. (2005). "Reconciliation pattern after aggression among japanese preschool children". *Aggressive Behavior*, 00, 1-15.
- Funder, D., & Block, J. (1989). "The role of ego-control, ego-resiliency, and IQ in delay of gratification in adolescence". *Journal of Personality and Social Psychology*, vol.57 (6), 1041-1050.
- Gammell, M., de Vries, H., Jennings, D., Carlin, C., & Hayden, T. (2003). "David's score: a more appropriate dominance ranking method than Clutton-Brock et al.'s index". *Animal Behaviour*, 66, 601-605.
- Green, V. A., & Rechis, R. (2006). "Children's cooperative and competitive interactions in limited resource situations: A literature review". *Applied Developmental Psychology*, 27, 42-59.

Hartup, W. (1983). "Peer relations". In E. M. Hetherington (Ed.), P.H. Mussen (Series Ed.), *Handbook of child psychology. Socialization, personality and social development*, 3. New York: Wiley, pp. 103 - 198.

Hawley, P. H. (1999). "The ontogenesis of social dominance: A strategy-based evolutionary perspective". *Developmental Review*, 19, 97-132.

Hawley, P. H. (2002). "Social dominance and prosocial and coercive strategies for resource control in preschoolers". *International Journal of Behavioral Development*, 26(2), 167-176.

Izar, P., Ferreira, R., & Sato, T. (2006). "Describing the organization of dominance relationships by dominance-directed tree method". *American Journal of Primatology*, 68, 189-207.

Kappeler, P. M., & van Schaik, C. P. (1992). "Methodological and evolutionary aspects of reconciliation among primates". *Ethology*, 92, 51-69.

Lehner, P. N. L., (1996). *Handbook of ethological methods* (2^a ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

Ljungberg, T., Westlund, K., & Forsberg, A. J. L. (1999). "Conflict resolution in 5-year-old boys: does postconflict affiliative behaviour have a reconciliatory role?" *Animal Behaviour*, 58, 1007-1016.

Maccoby, E. E., (1990). "Gender and relationships, a developmental account". *American Psychologist*, 45 (4), 513-520.

Malloy, H. L., & McMurray, P. (1996). "Conflict strategies and resolutions: peer conflict in an integrated early childhood classroom". *Early Childhood Research Quarterly*, 11, 185-206.

Maroco, J. (2003). *Análise estatística: Com utilização do SPSS* (2^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Preuschoft, S., Wang, X., Aureli, F., & de Wall, F. (2002). "Reconciliation in captive chimpanzees: A reevaluation with controlled methods". *International Journal of Primatology*, 23(1), 29-50.

Putallaz, M. & Sheppard, B. (1992). "Conflict management and social competence". In C.U. Shantz & W.W. Hartup (Eds.), *Conflict in child and adolescent development*. New York: Cambridge University Press, pp. 330 - 335.

Rubin, K.H. & Rose-Krasnor, L. (1992). "Interpersonal problem solving and social competence in children". In V.B.V.Hassett & M. Hersen (Eds.), *Handbook of Social Development*. New York: Plenum, pp. 283 - 323.

Sackin, S., & Thelen, E. (1984). "An ethological study of peaceful associative outcomes to conflict in preschool children". *Child Development*, 55, 1098-1102.

van Schaik, C. P. & Aureli, F. (2000). "The natural history of valuable relationships in primates". In F. Aureli & F. B. M. de Waal (Eds.), *Natural Conflict Resolution*. University of California Press: California, pp. 307-333.

Shantz, C. U. (1987). "Conflicts between children". *Child Development*, 58, 283-305.

Silk, J. B., Seyfarth, R. M., & Cheney, D. L. (1999). "The structure of social relationships among female savanna baboons in Moremi Reserve, Botswana". *Behaviour*, 136, 679-703.

Strayer, F., & Strayer, J. (1976). "An ethological analysis of social agonism and dominance relations among preschool children". *Child Development*, 47, 980-989.

Strayer, J., & Strayer, F. F. (1978). "Social aggression and power relations among preschool children". *Aggressive Behavior*, 4, 173-182.

Strayer, F. F., & Trudel, M. (1984). "Developmental changes in the nature and function of social dominance among young children". *Ethology and Sociobiology*, 5, 279-295.

Veenema, H. C., Das, M., & Aureli, F. (1994). "Methodological improvements for the study of reconciliation". *Behavioural Processes*, 31, 29-38.

Verbeek, P., Hartup, W. W., & Collins, W. A. (2000). "Conflict management in children and adolescents". In F. Aureli; F. B.M. de Waal (Eds.) *Natural Conflict Resolution*. London, UK: University of California Press, pp. 34-53.

Verbeek, P., & de Waal, F. B. M. (2001). "Peacemaking among preschool children". *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 7(1), 5-28.

de Vries, H. (1998). "Finding a dominance order most consistent with a linear hierarchy: a new procedure and review". *Animal Behaviour*, 55, 827-843.

de Waal, F. B. M., (2000). "The First Kiss: foundations of conflict resolution research in animals". In F. Aureli & F. B. M. de Waal (Eds.), *Natural Conflict Resolution*. University of California Press: California, pp. 15-33.

de Waal, F.B. M. & Aureli, F. (2000). "Shared principles and unanswered questions". In F. Aureli & F. B. M. de Waal (Eds.), *Natural Conflict Resolution*. University of California Press: California, pp. 375-379.

de Waal, F. B. M., & van Roosmalen, A. (1979). "Reconciliation and consolation among chimpanzees". *Behavioral Ecology and Sociobiology*, 5, 55-66.

de Waal, F. B. M., & Yoshihara, D. (1983). "Reconciliation and redirected affection in rhesus monkeys". *Behaviour*, 85, 224-241.

Waters, E., Graber, J., Gornal, M., & Vaughn, B.E. (1983). "Q-sort correlates of visual regard among preschool peers: validation of a behavioral index of social competence". *Developmental Psychology*, 19 (4), 550-560.

Waters, E. & Deane, K. (1985). "Defining and assessing individual differences in attachment relationships: Q-methodology and the organization of behavior in infancy and early childhood". In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, (1-2), 41-65.

Waters, E. & Sroufe, L.A. (1983). "Social competence as a developmental construct". *Developmental Review*, 3, 79-97.